

Perfil ideal para treinar jovens



Realizado por:

Rafael Pinheiro Nº22

Tomás Costa Nº28

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	1
RESUMO	2
INTRODUÇÃO	3
I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
1. SOCIOGÉNESE DO DESPORTO	4
1.1. A Dimensão Social do Desporto	8
2. CARREIRA PROFISSIONAL DE TREINADOR DESPORTIVO ..	9
2.1. O Desporto e a Representação de um “Bom” Treinador. . .	11
2.2. Perfil Geral de Competências do Treinador.	14
3. TREINADOR DE CRIANÇAS E JOVENS	19
3.1. Perfil do Treinador de Crianças e Jovens.	19

IX

AGRADECIMENTOS

Como não podia deixar de ser o primeiro agradecimento e o mais sentido vai para a Professora Salomé Marivoet, por toda a sua disponibilidade e interesse em ajudar, o seu apoio e compreensão demonstrada ao longo deste tempo.

À minha família onde merece especial destaque a minha mãe e eles sabem porquê!

Aos meus amigos.

Ao Engenheiro Luís Neves, ao professor António Figueiredo e a todos os treinadores, jogadores, e seus pais, dos escalões jovens da AAC-OAF, na época 2004/05, pela sua disponibilidade em ajudar. Evidencio os treinadores, pois foram essenciais na recolha dos inquéritos e na persuasão aos jovens para os preencherem, especialmente o Zé Nando, o professor Rui Silva e o professor Francisco Barros.

Por final a todos que de algum modo me ajudaram ou influenciaram a seguir este caminho.

A todos, o meu sentido agradecimento. Muito Obrigado!

X

RESUMO

Este estudo tem como objetivo conhecer o ideal de perfil do bom treinador de jovens, do ponto de vista dos jovens atletas, seus pais, e dos próprios treinadores, segundo as diferenças socioculturais.

Depois de elaborada a problemática em estudo, com base nos contributos de vários autores, e definido o objeto de estudo e as hipóteses de investigação, construímos três inquéritos por questionário, aplicado a 155 jovens atletas dos escalões de formação da Associação Académica de Coimbra – Organismo Autónomo de Futebol (AAC – OAF), 150 pais ou figura masculina correspondente, 149 mães ou figura feminina correspondente, e a 12 treinadores dos mesmos escalões de formação.

Após a análise da informação obtida nos inquéritos sociográficos, e posterior tratamento em SPSS, concluímos que os jovens dão maior relevância às características do ethos (carácter), como „ser justo“ e „ser exigente“, sendo que pais e treinadores consideram mais importantes as „competências educacionais“ e a „responsabilidade“ dos treinadores, independentemente das diferenças socioculturais, ainda que aconteça sobretudo nas famílias com maiores habilitações culturais, com ligeira vantagem nas mães do que nos pais, e nestas, sobretudo nas mais jovens, indo ao encontro do sugerido numa das hipóteses.

Concluímos ainda que existe maior discrepância nas respostas dos familiares com menores habilitações literárias.

As principais conclusões deste estudo vão de encontro ao defendido pela maioria dos autores referidos no Capítulo I, que referem que o treinador de jovens não deve procurar apenas os êxitos desportivos, mas sim olhar para os jovens numa perspetiva holística, integrando-os socialmente e preparando-os para a vida extra-desportiva.

O Ideal do Perfil de Treinador de Jovens Estudo de caso dos escalões de formação da AAC-OAF

INTRODUÇÃO

A criação da sociedade moderna está na base do papel do desporto na sociedade, já que o desporto enquanto objeto social nasce, por necessidade, com a revolução industrial (séc. XX), devido à criação de condições materiais favoráveis para o desenvolvimento desportivo. Com isto o desporto instala-se em toma uma grande importância social, verificando-se ainda um aumento da massa popular que pratica desporto, nomeadamente com a 2.ª revolução industrial

Não é o desporto que muda a sociedade, mas faz parte desta. É, pois, um fenómeno da sociedade, muito moldado pelas mudanças e crises que nela ocorrem.

O Desporto é um fenómeno que tem marcado e certamente continuará a marcar profundamente a vida do homem, e a sua complexidade necessita de ser abordada e estudada em diferentes níveis. É um fenómeno portador de extrema importância, que assume especial destaque na vida da sociedade atual.

A atividade do treinador reveste-se de uma enorme responsabilidade, essencialmente quando trabalham com jovens, já que o desporto é um dos meios fundamentais que influenciam a personalidade do praticante na sua globalidade. O treinador orienta o praticante numa fase crucial do desenvolvimento da sua personalidade, logo extremamente moldável, e graças ao prestígio social alcançado pelo Desporto facilmente se motivam os jovens praticantes, abrindo-se de forma extremamente recetiva à influência daqueles que se propõem construir, neles, o futuro praticante desportivo.

Assim, pretendo realizar o presente trabalho com o propósito de saber qual a representação do ideal de treinador de jovens por parte dos intervenientes do fenómeno desportivo, nomeadamente os jovens, seus pais e os próprios treinadores.

A escolha deste tema prende-se com o facto de ser uma área de meu especial agrado, na qual já trabalhei e pretendo trabalhar no futuro, e que entendo ser de alguma importância pois nem sempre temos a ideia correta do que os jovens esperam dos treinadores, e nem sempre o trabalho que se faz com estes vai de encontro às suas expectativas, realizando antes as próprias expectativas dos adultos, treinadores, dirigentes, etc...

Seguidamente, apresentaremos a revisão da literatura, passando em revista um conjunto de contributos de diversos autores que nos permitiram elaborar a problemática e

definir o objeto de estudo e hipóteses de investigação.

O Ideal do Perfil de Treinador de Jovens Estudo de caso dos escalões de formação da AAC-OAF

Depois disto, identificamos a metodologia seguida neste estudo, variáveis que nos permitiram testar as hipóteses, o universo da análise e o instrumento de recolha de informação utilizado.

Em seguida apresentamos a análise e discussão dos dados, e, finalmente, as conclusões e recomendações que entendemos mais importantes.

O Ideal do Perfil de Treinador de Jovens Estudo de caso dos escalões de formação da AAC-OAF

3

I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. SOCIOGÉNESE DO DESPORTO

O desporto, assim como o conhecemos, apesar de ser um fenómeno típico e distinto da nossa sociedade, encobre na sua aparente simplicidade uma enorme complexidade social e cultural, cuja circunscrição assume,

Por vezes a forma de concepções ideológicas, que argumentam a validade de uns critérios em detrimento de outros. As opiniões que se encontram nesta matéria advêm em muitos casos de interesses

específicos que se afirmam no seio do sistema desportivo, e que, em última análise, remetem para a

legitimação e afirmação hegemónica dos interesses e valores de uns sobre os outros.

(Marivoet, 2002: 23)

Para melhor entendermos as concepções de desporto, é fundamental fazer a sua leitura à luz do desenvolvimento do desporto moderno na civilização ocidental.

Durante vários séculos, o desporto resumia-se aos jogos tradicionais regulamentados de acordo com as tradições locais e muito ligados a aspetos utilitários da sociedade agrícola.

É no séc. XVIII, com a passagem da sociedade agrícola à sociedade industrial que se dá o processo de “desportização” (Elias, 1992) das atividades de tempos livres. Este terá seguido de mão dada com o processo de industrialização, o que quer dizer que a transformação verificada na forma como os indivíduos trabalhavam, foi seguida de perto por uma transformação da maneira segundo a qual utilizavam o seu tempo livre.

O desporto moderno possui assim características distintivas que têm origem nos

envolvimentos sociais e culturais criados pelo desenvolvimento da civilização industrial, não podendo ser entendido como “alguma coisa existiu na Antiguidade, pereceu na Idade Média e, por razões desconhecidas, renasceu, simplesmente, no nosso tempo” (Elias, 1992: 194).

Uma das características que precisamente distinguiu as formas de ocupação dos tempos livres emergentes com o cunho do desporto, foi o facto de passarem a ser regulamentadas para além do nível local, ou seja, ao se tornar hábito realizar jogos e torneios ultrapassando o nível local, foi necessário garantir a uniformidade do jogo. Outra das características relaciona-se com a emergência de uma maior sensibilidade quanto à utilização da violência, que, refletida nos hábitos sociais dos indivíduos, encontrou também expressão no desenvolvimento das suas atividades de tempo livre. Assim, os indivíduos tiveram de O Ideal do Perfil de Treinador de Jovens Estudo de caso dos escalões de formação da AAC-OAF aprender e desenvolver novas competências técnicas e estratégicas, exigidas pelo confronto não violento.

Posteriormente à Revolução Industrial ocorrida em Inglaterra, fábricas e desporto estenderam-se praticamente a todo o mundo, criando uma nova etapa na civilização humana, a civilização industrial. Assistia-se então à conquista do mundo por parte de um número reduzido de competições formais e de encontros denominados genericamente por “sport”, sendo a palavra adaptada por quase todas as línguas do mundo, parecendo derivar do velho termo francês desport, que significa divertir-se. Apesar da etimologia da palavra não ser inglesa, de facto foram os ingleses que deram cunho à era do desporto moderno.

De facto, na sociedade inglesa, desde o século XVIII, foram-se introduzindo alterações para levar à generalização das práticas físicas, definindo regras e procedimentos normalizados, “desportivizando” determinados jogos.

Nos finais do séc. XIX, dá-se o restabelecimento dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, pela mão do Barão Pierre de Coubertin, iniciando-se assim um processo de institucionalização das práticas desportivas, que remeteu as tradicionais práticas lúdicas para a categoria de jogos, e que levou o desporto a identificar-se com práticas desportivas que incluem institucionalização, ou seja, organização, normas e aparelhos fiscalizadores e que contemplam competição, por conseguinte, permitem uma comparação de práticas desportivas. Ao longo do séc. XX, e com o desenvolvimento da sociedade industrial, consolida-se a filosofia de Fordismo inspirada nas conceções tayloristas de organização do trabalho e

consolidam-se os Estados providência, dando origem a populações que viram os seus tempos livres alargados e a Estados que foram assumindo a responsabilidade de atender a esses tempos livres, conduzindo a uma multiplicação da oferta pública de atividades de recreio, distração e entretenimento de variada índole (Almeida, 2001).

Na década de 70, o desporto parece uma vez mais acompanhar de perto as transformações ocorridas na sociedade, ou seja, a passagem da sociedade industrial, caracterizada pela substituição do homem pela máquina; sedentarização e urbanização em massa que afastam o homem da natureza; redução dos horários de trabalho e um aumento dos tempos livres) à atual fase civilizacional, que alguns autores designam Pós-Modernidade ou Modernidade Tardia (Almeida, 2001).

Esta fase, caracterizada pela busca, por parte dos indivíduos, de uma maior realização e expressão pessoal, por um desejo de mudança e de novidade, por um maior sentido hedonístico e lúdico da vida, por uma procura de raízes e uma maior sensibilidade pela natureza, comporta valores que vieram superar os valores da sociedade industrial, tidos por O Ideal do Perfil de Treinador de Jovens Estudo de caso dos escalões de formação da AAC-OAF tradicionais e obsoletos, tais como, a busca da segurança física e material, do êxito pessoal e da conformidade individual, a preocupação com o estatuto social e o acatamento da autoridade.

A forma de entender e praticar o desporto começa então a refletir o desejo de uma maior participação em práticas desportivas que produzam um elevado bem estar pessoal, e de uma desvalorização da obtenção de rendimentos padronizados, em favor do prazer proporcionado pela proximidade à natureza. Mais do que a busca das técnicas de execução para o alcance de resultados e de uma classificação, parece interessar ver a técnica associada ao prazer de praticar, estar junto da natureza, vencer obstáculos (Almeida, 2001).

Assiste-se assim a uma diversificação nas formas de estar e participar neste espaço social, que rompe “com os ideais que estabeleciam a competição como o fim único para o desenvolvimento de uma prática desportiva” (Marivoet, 2002: 35).

A campanha denominada de “Desporto para todos” lançada pelo Conselho da Europa, em 1966, numa época de grande prosperidade económica e de um aumento do tempo livre, inserida num conceito lato de democratização da cultura, e mais tarde a Carta Europeia do Desporto que no ponto 1 do Artigo 2 define desporto como “todas as formas de atividade

física que, através de uma participação organizada ou não, têm por objetivo a expressão ou melhoramento da condição física e psíquica, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados na competição a todos os níveis”, terão contribuído para a divulgação desses novos valores e para incentivar os Estados membros a definirem políticas de promoção desportiva junto das populações, permitindo ao desporto percorrer a via da democratização, e fazendo que este passasse a ser consagrado como um direito do cidadão (Almeida, 2001).

Além desta, surgiram outras campanhas semelhantes embora com diferentes denominações: surge o “National Fitness” nos EUA, o “Desporto de massas” nos países da Europa de Leste, e na Austrália o “National Fitness Council”.

Os Estados providência assumindo a responsabilidade de atender aos direitos do cidadão à cultura, saúde, à educação, reconhecendo, portanto, o direito das pessoas ao desporto e o papel por ele desempenhado no desenvolvimento das sociedades, empenharam-se em pôr em prática uma política de desporto para todos, através da criação de instalações desportivas diversificadas, de espaços livres para a prática desportiva, de programas de animação, de recrutamento e formação de pessoal especializado, de generalização de subsídios a associações, etc. (Almeida, 2001).

Deste modo, nos discursos dos poderes públicos é possível constatar uma aproximação entre a prática desportiva e o estado da saúde, entre o desenvolvimento do desporto para todos e a elevação do nível de vida em geral. A prática desportiva passa a ser vista como um valor de interesse social do ponto de vista sanitário, revelando um papel de prevenção. A prática regular de uma atividade física interliga-se com uma vida sã.

Como resposta ao surgimento de diferentes formas de estar e participar no desporto, ocorre uma articulação da oferta às condições de procura, passando a coexistir no sistema desportivo diferentes interesses e objetivos nem sempre concorrentes para o mesmo fim (Almeida, 2001).

De um modelo restrito abrangendo “um número limitado de atividades humanas que supõem ou têm como ponto de partida a competência técnica, a condição física e a resistência mental ou que geralmente são realizadas num contexto de competição” (Claeys, 1984: 3), novos comportamentos e atitudes surgiram face às práticas desportivas, incluindo-se nestas práticas, atividades que nunca passariam pela cabeça dos aristocratas ingleses que no séc.

XIX difundiram pelo mundo a ideia de fair play e de organização do clube desportivo amador.

Nesta linha, Urbain Claeys (1984) entende que são quatro os elementos essenciais da definição atual do conceito de desporto: o movimento (atividade física e intelectual humana), a competição (rivalidade no sentido da relação desporto/performance), a institucionalização (existência de regras e normas institucionalizadas) e o lazer (carácter recreativo e lúdico); acrescentando que tais características encontram-se presentes de maneira variável nas diferentes modalidades e formas de praticar desporto. Trata-se, portanto, de uma conceção alargada de desporto, em que se defende a unidade das práticas consideradas “desportivas” e se rompe com a conceção que as restringia ao aspeto competitivo, enquadrador ou institucional (Almeida, 2001).

1.1. A Dimensão Social do Desporto

Como nos diz Jorge Araújo “é através da análise da evolução da sua modalidade, no seio das estruturas sociais, que a forma de estar do treinador vai sendo alterada no sentido de acompanhar as mudanças que contribuem para consolidar o desenvolvimento desportivo como reflexo do desenvolvimento social” (1998: 182). Este autor refere também que a dimensão social do desporto expressa-se através dos seus aspetos reconhecidamente culturais, científicos, pedagógicos, estéticos, e também pelos seus diferentes níveis de prática, de base, de pequena, média e alta competição, de lazer e recreação, de preparação e manutenção profissional.

O Ideal do Perfil de Treinador de Jovens Estudo de caso dos escalões de formação da AAC-OAF Assim, sempre que corretamente orientado no plano social e pedagógico, o desporto representa um dos principais meios educativos e formativos dos cidadãos, com imprescindíveis contributos no âmbito da promoção da saúde e do rendimento profissional das populações, da formação multilateral da juventude, da melhoria da qualidade de vida, no preenchimento do tempo livre ou como fator de desenvolvimento sociocultural e turístico (Araújo, 1998).

Araújo (1998) refere ainda que a componente sociocultural do Desporto assenta nos valores morais, sociais e estéticos que regem a sua prática e no património de conhecimentos com ele relacionados que têm vindo a ser transmitidos ao longo dos tempos, de geração para geração, tendo em vista a superação dos que a ele se dedicam, mas só será positivo, como

meio sociocultural, quando promova o desenvolvimento das capacidades globais de ser humano e seja orientado segundo perspectivas formativas e educativas que sobreponham os interesses dos cidadãos e da sua maioria, relativamente a quaisquer outros que eventualmente os procurem prejudicar.

O autor enfatiza a importância que Educação Física e o Desporto representam hoje, nas sociedades modernas, considerando-as “imprescindíveis meios de cultura e de desenvolvimento social, tendo como um dos seus objetivos fundamentais aperfeiçoar as formas básicas do movimento humano”, concluído que corpo e espírito, matéria e ideia, fazem parte de um mesmo ser social, materializando-se grande parte dos produtos da atividade cerebral do homem através da escrita e da expressão corporal. É através do movimento corporal que se estabelecem as necessárias relações entre os cidadãos bem como a respetiva integração social e a expressão do seu nível cultural e de humanização.

(Araújo, 1998: 138)

2. CARREIRA PROFISSIONAL DE TREINADOR DESPORTIVO

Em relação aos treinadores, as ambiguidades conceptuais são um pouco difíceis de ultrapassar dada a fluidez das suas fronteiras. Quais os critérios de definição desta atividade que representa um desafio para as noções correntes de “profissão” e “trabalho”? (Almeida, 2001). A atividade de treinador não conheceu o mesmo processo de profissionalização que outras profissões liberais. Este processo consistiu na organização dessas profissões através de associações privadas, que constituíram elas mesmas as suas definições e os seus mercados. Por outro lado, deste processo fez também parte a estratégia de ligação das instituições de formação dessas profissões, às universidades.

O Ideal do Perfil de Treinador de Jovens Estudo de caso dos escalões de formação da AAC-OAF Em Portugal, o processo de profissionalização dos treinadores e o desporto em geral, terá ficado marcado pelo facto de, no início do séc. XX, se considerar que os desportos “não são um meio de aperfeiçoamento individual, mas antes de deformação física, quantas vezes de perversão moral” (Decreto n.º 21.110, de 16 de Abril de 1932). Podemos imaginar o que sentiram os então diplomados de Educação Física “que defendiam o alcance educativo de desporto, face a tão inspirada doutrina e que se atreviam a ensinar uma modalidade desportiva nas aulas de educação física!” (Lima, 2000:7).

Em pleno regime ditatorial, da década de 40 até à Revolução de 74, o Estado exerceu sobre o desporto um controlo total, como meio de atingir a cultura física geral do país (Almeida, 2001).

Em 1974, é criado um sector de formação, no âmbito da estrutura da então Direção Geral dos Desportos, com o objetivo de apoiar as Federações na organização de cursos e ações de formação para os vários agentes desportivos, para em 1977, institucionalizar-se o sector de formação, criando-se no seio da DGD, o Instituto Nacional do Desporto que compreende uma divisão de formação, e institui-se um modelo de formação dos agentes desportivos que atribui ao Estado a responsabilidade pela “formação de quadros técnicos desportivos, com exceção de professores de Educação Física” (Decreto-Lei n.º 553/77 de 31 de Dezembro). Entretanto, em 1985, são definidos os princípios e estabelecidas as regras que condicionam o acesso e o exercício da atividade dos treinadores desportivos no âmbito do desporto federado (Decreto-Lei n.º 163/85, de 15 de Maio).

Em 1991 a formação dos agentes desportivos, nomeadamente dos treinadores, passa a estar cometida às Federações desportivas (Decreto-Lei n.º 350/91 e Decreto-Lei n.º 351/91, ambos de 19 de Setembro). Institui-se assim um modelo em que o Estado se vê desresponsabilizado quer pelo funcionamento, quer pela qualidade da formação dos agentes desportivos.

Por fim, o Decreto-Lei n.º 407/99, de 15 de Outubro, enquadra a formação dos treinadores no âmbito da formação profissional inserida no mercado de emprego, definindo os treinadores como:

Os indivíduos que intervêm diretamente na realização de atividades desportivas, a quem se exige o

domínio teórico-prático da respetiva área de intervenção” e que “conduzem o treino dos praticantes

desportivos com vista a desenvolver condições para a prática e reconhecimento da modalidade ou

otimizar o seu rendimento desportivo, independentemente da denominação que lhe seja habitualmente

atribuída

O Ideal do Perfil de Treinador de Jovens Estudo de caso dos escalões de formação da AAC-OAF

9

Assim, a formação dos treinadores tem-se mantido, desde o início do século, pouco associada

à universidade (Almeida, 2001). Apesar da formação de uma parte dos treinadores passar pelo ensino universitário, a de muitos outros está mais próxima da do artesão, implicando poucos aspetos teóricos e abstratos e sem qualquer ligação à universidade.

Como questiona Teotónio Lima, “se não se aceita que, no sistema educativo, a função de docente seja exercida por quem não tenha habilitação própria, como é que vamos admitir que, no sistema desportivo, aqueles que ensinam, treinam e dirigem crianças e jovens sejam dispensados de uma habilitação apropriada? (...) No mínimo há que assegurar para todos os treinadores a formação inicial e a formação contínua como condições necessárias ao exercício da sua importante função no desenvolvimento desportivo nacional e à sua elevada missão formativa junto da juventude” (2000: 13). Desta forma não é possível exercer um controlo sobre a entrada no mercado de candidatos a treinadores, nem sobre os termos e condições da concorrência pelas posições que esse mercado oferece.

Segundo a Classificação Nacional das Profissões, de 1994, os treinadores, apesar de não terem a sua formação associada de forma sistemática com o ensino superior, são considerados fundamentalmente “trabalhadores intelectuais”, sendo o seu trabalho suficientemente valorizado em termos culturais. A razão para esta classificação prender-se-á com o facto de, se poder estabelecer uma semelhança entre a atividade de professor e do treinador.

Assim, Teotónio Lima afirma que

É pertinente dar o relevo necessário à função de treinador, à importância da posição social que este

ocupa no desporto do nosso país por duas razões: uma, por ser um interveniente responsável na

formação dos jovens e um indivíduo que cria uma imagem pública, que o situa desde logo com educador; outra, por ser alvo de exaltação ou humilhação na medida em que é responsabilizado, de uma

forma alienante e alienada, pelos feitos desportivos das equipas.

(2001: 78)

2.1. O Desporto e a Representação de um “Bom” Treinador

Estamos em condições de afirmar que o desporto é hoje reconhecido em muitas culturas como parte indispensável da vida civilizada. O seu valor no processo de desenvolvimento das crianças e jovens é inquestionável. É, sem dúvida, um importante fator de desenvolvimento

humano. Por continuidade poder-se-á afirmar que a Educação Física e Desporto, dimensões essenciais da educação e da cultura, devem (entre outros aspetos) desenvolver as aptidões, a vontade e o auto domínio de qualquer ser humano e favorecer a sua integração no meio social (Sá, 1994).

O Ideal do Perfil de Treinador de Jovens Estudo de caso dos escalões de formação da AAC-OAF 10

Assim, muitos dos problemas que afligem o sistema desportivo direcionam-se para os treinadores e para o seu papel decisivo na organização, condução e orientação do processo desportivo, o que denota um sentido de responsabilidade extrema por parte deste.

No entanto, parece existir uma aparente contradição. O avanço das ciências e da complexidade do treino, aliados às condições deficitárias dos clubes, e à imagem que a sociedade tem das atividades desportivas, transformam a profissão de treinador, num universo de tarefas de complicada execução (Sá, 1994).

Na verdade, o treinador como agente de ensino e como condutor de comportamentos, assume uma responsabilidade inegável em termos educativos (Sarmiento, 1992). Ao ser um condutor do processo educativo e ao ser responsável por uma série de atitudes pedagógicas, também este terá que estar munido de uma série de competências científicas e éticas, e ainda uma variada gama de competências de índole pessoal e social. Neste sentido, poder-se-á dizer que o treinador e o professor, por analogia, são bastante parecidos no seu desempenho.

Ambos têm a responsabilidade de estimular, preparar e motivar bem como executar determinadas tarefas, de lhes transmitir conhecimentos com elas relacionados e depois avaliá-las (Sá, 1994).

Os treinadores, tal como os professores, possuem grande influência sobre as crianças e os jovens com quem trabalham, através da forma como expõem as suas matérias, como fazem as coisas, como as dizem e assumem o seu papel de modelo. A valorização do ser humano como ser social e como indivíduo criador de factos culturais é fonte de preocupação para ambos (treinador e professor) e através de um conjunto de regras e de princípios fazem a sua “luta”. (Sá, 1994).

Em Portugal, como em muitos países europeus, o principal responsável pela atividade desportiva são sem dúvida os clubes, e desta forma assumem um papel imprescindível no “tecido desportivo” do país. Os clubes são, assim, o local de desenvolvimento do trabalho dos

treinadores, desta importante realidade social que é o desporto.

A polivalência dos treinadores cada vez se torna mais uma realidade efetiva, dado que as suas funções assumem cada vez mais papéis diversificados e só com esta polivalência é possível responder às exigências com que são confrontados. No entanto também reconheço que o conhecimento específico técnico-científico será um pilar para lógicas de sucesso desportivo e formativo. Relativamente ao conceito de “Bom” treinador será difícil encontrar um consenso generalizado sobre este tema.

O Ideal do Perfil de Treinador de Jovens Estudo de caso dos escalões de formação da AAC-OAF Martins (1990) é da opinião que relativamente ao perfil do técnico desportivo ideal, dificilmente se conseguirá prescrever uma “receita” unicamente eficaz; poderão, isso sim, ser identificados traços de personalidade comuns a técnicos bem sucedidos, mas a diversidade de situações de treino impedirá, certamente, que se chegue a uma conduta estereotipada eficaz. Na esteira desta problemática Araújo (ap. Cunha et al, 2000) considera que um treinador deverá obrigatoriamente ter um papel decisivo no rendimento e qualidade do treino, formar o atleta como sujeito e não como objeto, estimulando uma relação interpessoal responsável, estimular o progresso e o rendimento dos seus atletas, observar, planificar, antecipar, registar e avaliar os resultados, corrigir estratégias de intervenção, mobilizar o interesse individual e coletivo, possuir um conhecimento alargado, motivar os atletas e os dirigentes para os objetivos, e definir objetivos e regras claras.

Gonçalves (1987), numa linha de investigação pedagógica, refere que um bom treinador é aquele que integra no seu trabalho a organização do treino, a apresentação das atividades, maximização do tempo de empenhamento motor dos atletas, a observação e a reação à prestação motora dos atletas, e a criação de um clima positivo.

Partington (ap. Cunha et al, 2000) defende que existe um conjunto de características que devem ser melhoradas por todos aqueles que pretendem melhorar a sua intervenção, tais como a atitude competitiva e equilibrada, empenho, confiança, enquadramento afetivo, bom relacionamento social, abertura e divertimento, imaginação, etc.

Sá (1994) aponta que raros têm sido os estudos efetuados nesta área no contexto português, principalmente aqueles que dizem respeito ao conhecimento das perceções e representações que os estudantes de Educação Física possuem deste conceito. Constitui exceção feita a esta análise o trabalho de Carreiro da Costa et al (ap. Cunha et al, 2000) que,

questionando os alunos universitários de Educação Física dos 1.º e 5.º anos sobre as suas conceções do que é um bom treinador, verificou que a capacidade pedagógica (55,6%), o resultados desportivos (vencedor –39,6%) e as características pessoais e atitudes (37,7%), foram as principais respostas obtidas.

As opiniões dos alunos do 1.º ano traduzem um bom treinador como sendo aquele que possui um alto “skill” pedagógico, enquanto os alunos do 5.º ano valorizam mais aquele que possui e desenvolve habilidades e “skill”, preserva princípios éticos e morais e obtém bons resultados desportivos.

Colocando a questão sobre quais as principais funções que um treinador deverá desempenhar no contexto desportivo, as respostas dadas por estes mesmos alunos diferenciam-se em dois grupos, o que se ficou a dever à valorização que os finalistas O Ideal do Perfil de Treinador de Jovens Estudo de caso dos escalões de formação da AAC-OAF atribuíram às funções cooperativas e à capacidade para realizar as diferentes tarefas. No entanto as características particulares de um bom treinador foram focadas através das imagens que ambos detinham.

2.2. Perfil Geral de Competências do Treinador

Teotónio Lima (2001) diz que as intervenções do treinador enquadram-se numa perspetiva que tende a definir os valores humanos e sociais pelos quais afere e ajusta a sua conduta individual e social, e em função dos quais “dá vida” aos projetos que procura realizar por forma a identificá-los com a sua própria personalidade. Acrescenta ainda que nas mais das vezes essa personalização não passa de um “seguidismo” em relação ao modelo socialmente imposto e surge mais raramente como resultado de elaboração e criação de uma personalidade bem marcada.

Segundo Coelho (ap. Simão, 1998) a formação do treinador deve assumir um carácter permanente e acompanhar a evolução dos conhecimentos e da própria ciência do treino, pois o trabalho do treinador desportivo exige uma preparação técnica, pedagógica e científica, adequadas.

Lima (2001) afirma que uma das questões mais comuns feita pelos atletas, pelos jogadores e por muitos daqueles que acompanham a prática desportiva é “Quem é o treinador?”. E continua, “não é uma pergunta que peça, como resposta, um apontar de dedo para dizer – é aquele, ali! É uma pergunta cheia de significado quando é feita pelos jogadores!

É uma pergunta que expressa da parte do autor – criança, jovem ou adulto – a necessidade de saber “como é o treinador”, que tipo de pessoa é, que competência tem!”. E o autor diz que esta questão é colocada resultado “da experiência pessoal de cada um, da criança ao adulto, no que respeita à influência que os têm sobre as aspirações que se desejam ver realizadas”.

Colocando a tónica da formação de treinadores derivando da sua relação estreita com o desenvolvimento desportivo, Coelho (ap. Simão, 1998) diz que ela deve ser coerente, integrada, equilibrada, participada, planeada e programada. Ainda relativamente a este aspeto, Lima (2001) defende que no mínimo há que assegurar a formação inicial e a formação contínua para todos treinadores, como condições necessárias ao exercício da sua função.

Lima (2001) diz ainda que para ser treinador é indispensável possuir um determinado “perfil” de personalidade que evidencie traços dominantes das qualidades e das capacidades que, nas relações sociais, dinamizam um processo de aceitação e do reconhecimento do O Ideal do Perfil de Treinador de Jovens Estudo de caso dos escalões de formação da AAC-OAF indivíduo que interfere na realização das aspirações pessoais, grupais ou sociais. Ao fim e ao cabo é necessário ter consciência que a função de treinador tem um alcance social, de que os objetivos do desporto se integram na valorização do ser humano, de que a sua conduta deve ser exemplar, de que o êxito dos jogadores e da equipa não se confina exclusivamente à vitória, de que o desenvolvimento da personalidade implica o respeito pelos direitos humanos e de que a superação qualitativa das manifestações humanas só adquire significado cultural quando obtida com trabalho árduo e persistente. Ainda que reitere a opinião de Jorge Araújo (1998: 154), defendendo que “não existem treinadores ideais, muito menos um perfil único de treinador”.

Araújo (ap. Simão, 1998) refere que a melhoria da capacidade de intervenção do treinador passa por alterar o panorama atual, através do estabelecimento de regras para a carreira de treinador que tornem a profissão mais aliciante, assim como a definição de um perfil de treinador cuja formação crie um compromisso claro entre o conhecimento prático e o conhecimento científico, devendo respeitar os princípios de continuidade, integração científico-pedagógica, unidade e diversidade, individualização e harmonização entre a formação recebida e a intervenção profissional. O verdadeiro segredo dos treinadores com sucesso reside, para si, entre outros fatores, na capacidade de criar nos atletas e dirigentes a

motivação própria de quem se sente a participar e a contribuir para o progresso coletivo. Ainda segundo Araújo (1989) um projeto de formação de treinadores tem de privilegiar uma estratégia de intervenção, em que a importância do seu contributo social esteja perfeitamente clarificada, para além de uma intenção de projetar o sistema desportivo numa via de desenvolvimento.

Para Teotónio Lima (2001: 29), “o treinador confina, por formas objetivas de trabalho, a sua maneira de agir em intervenções, no ato de ensinar, de treinar e de orientar, que se vinculam a um código ético, social e cultural de comportamento, a um código de direitos e deveres, que desde logo tem um significado de rejeição pela neutralidade da sua própria atuação e pela neutralidade do desporto”. O mesmo autor salienta ainda que “o desporto é parte da educação integral e atividade social tão importante como qualquer outra”.

Observar e analisar, recolher e tratar informações, estabelecer relações sociais e trabalhar em grupo, comunicar com linguagens e a níveis diferentes, pressupõe uma cultura geral e uma experiência de vida, sem as quais os treinadores não estarão habilitados para enfrentar a diversidade de situações profissionais que o futuro lhes reserva. Partindo da definição de cinco grandes categorias que definem as funções do treinador

– promoção do desenvolvimento social e emocional dos atletas, promoção do

O Ideal do Perfil de Treinador de Jovens Estudo de caso dos escalões de formação da AAC-OAF desenvolvimento dos conhecimentos dos atletas, aptidões referentes aos materiais e aos métodos pedagógicos, ação pedagógica junto dos restantes agentes (dirigentes, árbitros de formação, adeptos, etc.), desenvolvimento pessoal e dos clubes, associações e federações onde trabalhe – Araújo (ap. Simão, 1998) defende que uma correta metodologia a prosseguir nas atividades de formação de treinadores deve implicar preocupações relativas a aquisição de conhecimentos (saber), um domínio das técnicas (saber fazer) e uma transformação positiva e continuada das atitudes (saber estar).

Outros autores defendem que o treinador tem de ser um bom gestor. Deve possuir capacidade técnica, capacidade de relacionamento humano e capacidade conceptual.

Para Lima (2001) o treinador deve ser conhecedor de tudo o que diz respeito à modalidade de que é considerado especialista e saber atuar de acordo com os conhecimentos que possui. O que se espera do treinador é que tome as decisões apropriadas às situações, e que estas sejam claras, objetivas e atempadas.

Antonelli & Salvini (Ap. por Serpa, 1995) observam que a ação do treinador deve subscrever a execução de quatro papéis fundamentais, no contexto desportivo: “Técnico”, dependendo o seu desempenho da sua experiência, competência específica e capacidades adquiridas, assim como competências criativas; “Educador”, pois tem influência na formação da personalidade dos jovens com quem interage; “Gestor”, no que concerne aos aspetos técnicos e sociais; “Líder”, devendo ser aceite, naturalmente, pelos atletas.

Nos aspetos que dizem respeito à formação, Curado (ap. Simão, 1998) diz que o desenvolvimento desportivo tem de passar, obrigatoriamente, por uma formação sólida e contínua dos agentes desportivos. Para o autor, o que se pede aos treinadores é, apenas, o seguinte: uma grande competência, alicerçada numa sólida formação, a qual terá de ser, por um lado, multilateral e, por outro, especializada. Os treinadores têm de saber tudo da sua modalidade, afirma. É também inegável para este autor, que a atualização permanente de conhecimentos é uma necessidade, podendo ser conseguida de diversas formas.

É ainda referido por alguns autores que a atuação do treinador requer a transmissão de conhecimentos que deverão advir do saber científico e da capacidade de transmitir essa sabedoria, transformando-a em aprendizagens dos praticantes, bem como que os treinadores devem dominar instrumentos suficientes para modificar certos conhecimentos indesejáveis dos atletas.

Há também vários autores que dizem que o treinador deverá ser capaz de criar à sua volta um clima de confiança mútua e estabilidade, possibilitando que as diversas tarefas a realizar pelos diferentes agentes desportivos decorram num ambiente agradável, pois ele é a personagem mais importante do fenómeno desportivo, em especial para os atletas.

Rosado (ap. Simão, 1998) procurando definir um modelo de formação de treinadores, desenha um perfil de competências a desenvolver referindo que devem orientar-se no sentido de otimizar as influências do treinador sobre os jovens enquanto atletas, e que potencia uma influência sobre o nível de prática da modalidade, mas também sobre o jovem enquanto pessoa.

Importa, em seu entender, que se realize um esforço no sentido de se acordar acerca dos perfis profissionais dos treinadores, das suas funções, conhecimentos e competências profissionais, organizando modelos de formação homogéneos, de qualidade, que dignifiquem

os treinadores e a sua atividade e, sobretudo, qualifiquem a orientação dos jovens enquanto atletas sob a sua responsabilidade.

O treinador exerce, em primeiro lugar, afirma Rosado, influências sobre os atletas que provocam modificações nas estruturas psicomotoras, cognitivas e sócio afetivas, transformações que visam melhorar o rendimento desportivo dos atletas a seu cargo. Se o treinador exerce uma influência não só sobre o nível da prática da modalidade, sobre o jovem enquanto atleta, mas, também, sobre o jovem enquanto pessoa, defende o autor que o objetivo de qualquer modelo de formação e de qualquer perfil de competências a prescrever deverá orientar-se no sentido de otimizar as referidas influências do treinador sobre os atletas.

Assim, este autor apresenta um conjunto de competências tais como, competências académicas gerais, conhecimento da modalidade, competências de elevação dos fatores da condição física, competências didático-metodológicas gerais, conhecimentos didático metodológicos específicos da modalidade, competência de planificação e avaliação, competências de conhecimento do Homem como ser bio-psico-social, competências de produção, e divulgação de saberes profissionais, e competências “escondidas” de ser treinador, que na sua perspetiva, devem contribuir para otimizar essas influências, Lima (2001) entende que é tempo de reconhecer que treinar é algo mais do que ensinar as técnicas desportivas, conhecer as regras, saber de cor e salteado as táticas, planificar e organizar a preparação, utilizar racionalmente o tempo destinado a cada exercício e dominar a metodologia do treino desportivo! Porque é tempo de valorizar a função do treinador, o conhecimento dos objetivos da educação, os princípios inerentes à educação física e as metas sociais e culturais do desporto.

O Ideal do Perfil de Treinador de Jovens Estudo de caso dos escalões de formação da AAC-OAF Porque ser treinador é intervir num processo que contribui, significativamente, para o desenvolvimento do ser humano e para a sua integração na vida social. Porque ser treinador é dirigir um processo que se pretende educativo e formativo e que, enquanto tal, deve favorecer a valorização humana desde o jogo à alta competição; deve proporcionar a oportunidade de participar e progredir na prática desportiva a crianças, jovens e adultos; deve respeitar os interesses profundos e os direitos fundamentais dos praticantes seja qual for a sua capacidade e origem social (Lima, 2001).

3. TREINADOR DE CRIANÇAS E JOVENS

3.1. Perfil do Treinador de Crianças e Jovens

Em si mesmo, o desporto não é bom nem mau. Os aspetos positivos e negativos associados ao desporto não resultam da participação em si, mas da natureza da experiência vivida. Frequentemente,

chegamos à conclusão que um elemento importante na determinação da natureza daquela experiência é

a qualidade da liderança dos adultos que a dirigem.

Tony Byrne

Em todas as fases do processo de preparação desportiva, a figura do “treinador” desempenha um papel fundamental na construção do conceito de prática desportiva e do autoconceito do atleta (Silva et al, 2002). Segundo estes autores, existem, ainda, falta de dados concretos sobre quais os aspetos mais importantes que um treinador de jovens deve ter. Assim, tanto o perfil como o modelo de intervenção do treinador de crianças e jovens continuarão a oscilar entre duas referências habitualmente apresentadas como extremos inconciliáveis – o “professor”, em especial o professor de Educação Física, por um lado; e, por outro, o “treinador”, de acordo com a representação vulgar do treinador de atletas de alto rendimento.

Para melhor compreensão deste estudo é necessário saber quem são os treinadores dos jovens, qual a sua formação, a sua idade e género. Assim, segundo um estudo realizado pelo Centro de Estudos do Desporto Infanto-Juvenil da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, da Universidade de Coimbra, onde foram inquiridos 57 treinadores de atletas infanto-juvenis, de 4 modalidades diferentes, estes treinadores têm idades compreendidas entre 21 e 50 anos, estando a maior concentração no grupo etário 21-40 anos, sendo na maioria homens (apenas 7 mulheres). Todos declararam serem ex-praticantes da sua modalidade presente. Todos tinham, pelo menos, habilitações secundárias, existindo 22 licenciados e 1 mestre, sendo que apenas 17 tinham formação em Educação Física. No que respeita a formação técnica desportiva, a maioria eram treinadores de 1.º a 3.º níveis, existindo 11 sem formação técnica desportiva.

Como salienta António Marques a formação de agentes desportivos “é uma condição para uma intervenção de qualidade” (Ap. Lima, 2000: 35), designadamente quando essa intervenção se consuma junto das crianças e jovens. Isto para que o ensino e treino nos jogos

desportivos coletivos dirigidos às crianças e jovens deixe de ser uma cópia do que é feito na preparação desportiva dos adultos (Lima, 2000).

Existem várias referências aos objetivos dos treinadores de jovens, sobretudo orientações metodológicas, relacionadas com o treino, e várias referências aos “deveres” e funções dos treinadores de jovens. São estas as referências, pelo que a maioria dos treinadores se guia para desempenhar o seu papel, pois é isto que é normal esperar dele.

Assim quais são os principais objetivos dos treinadores de jovens? Adelino, Vieira e Coelho (2001) dizem que os treinadores de jovens devem contribuir para a formação dos jovens em todas as suas facetas; devem desenvolver o gosto e o hábito da prática desportiva regular; devem orientar as expectativas dos jovens num sentido realista; promover o seu desenvolvimento físico geral, de uma forma equilibrada e harmoniosa; e, garantir a aprendizagem e o aperfeiçoamento das técnicas básicas.

Ser treinador de crianças e jovens é uma função que constitui em si mesmo um permanente desafio e que exige um empenho pessoalmente gratificante. Porém, é com alguma surpresa que, muitas vezes, se vê subestimar a importância desta atividade, quer por parte dos pais e dos jovens atletas, quer pelos próprios treinadores. No exercício desta função surge a oportunidade de formar o carácter dos jovens, durante fases bastante importantes da sua vida. O treinador pode, assim, deixar marcas duradouras e de grande significado nos atletas em formação (Smoll, 2000).

O mesmo autor afirma ainda que o treinador desempenha um papel central e decisivo na definição do ambiente desportivo da juventude, ensinando os elementos da técnica e da tática da modalidade e contribuindo para o desenvolvimento da respetiva capacidade física. Porém, para além disso, o treinador torna-se um adulto com grande significado na vida do jovem atleta e consegue exercer uma influência profunda e positiva no desenvolvimento pessoal e social do jovem.